

Simón Bolívar, o inimigo nº1 do Peru: perspectiva desconstrucionista e decolonial em *La visita de Bolívar* (2018)

Simón Bolívar, Peru's number one enemy: deconstructionist and decolonial perspective in La visita de Bolívar (2018)

Hugo Eliecer Dorado MENDEZ*

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Antonio Rediver GUIZZO**

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

RESUMO: Na literatura latino-americana da última década, encontramos romances híbridos de história e ficção que, por meio de singulares estratégias discursivas, narrativas e escriturais, arquitetam uma figura de Simón Bolívar integralmente desconstruída, abandonando qualquer tipo de indulgência outorgada, na tessitura narrativa, a respeito dos seus feitos mais questionáveis. Uma dessas obras é escrita por Herbert Morote, pesquisador e literato peruano, *La visita de Bolívar* (2018). No presente estudo buscamos, por meio da análise estética e discursiva dessa obra, compreender o processo de desmistificação e desconstrução do qual a figura histórica é foco. Evidenciamos, também, como esse processo de revisão e ressignificação histórica aponta para novos caminhos dentro dos estudos decoloniais, visando uma reestruturação ideológica e social no nosso continente. Para tanto, basear-nos-emos nos pressupostos de Mignolo (2007), Fleck (2017) e Menton (1993), entre outros pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Simón Bolívar. Ressignificação da história. Desconstrução discursiva. Estudos decoloniais.

ABSTRACT: In the Latin-American literature, we find in the last decade hybrid novels of history and fiction that, through unique discursive, narrative and writing strategies, architect a fully deconstructed figure of Bolívar, abandoning in the narrative tissue any kind indulgence regarding his most questionable deeds. One of this works is *La visita de Bolívar* (2018), written by Herbert Morote, Peruvian researcher and literate. By the aesthetic and discursive analysis of this novel, we aim to understand the demystification and deconstruction process of which the historical figure is the focus. We also highlight how this historical review and remeaning process points to new paths within decolonial studies aiming at an ideological restructuring. For this purpose, we based our study in Mignolo (2007), Fleck (2017) and Menton (1993), among others researchers.

KEYWORDS: Simón Bolívar. Remeaning of history. Discursive deconstruction. Decolonial Studies.

* Mestrando em Literatura Comparada – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGLC – UNILA). E-mail: felipebemol@hotmail.com

** Doutor em Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) no curso de graduação Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras (LEPLE) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC). E-mail: antonio.guizzo@unila.edu.br

Introdução

Entre os anos de 2021 e 2024, irá ser comemorado o bicentenário da independência do Peru processo que, segundo a historiografia oficial, iniciou nos primeiros anos do século XIX e culminou no ano de 1824, quando foram assinados os últimos decretos que promulgavam a emancipação política e econômica da nação. Para os registros históricos de tal transcendental episódio, a jovem historiografia latino-americana selecionou um evento crucial e definitivo que seria o marco inicial da história do país como nação livre: a *Batalla de Ayacucho*, ocorrida no dia 09 de dezembro de 1824, com vitória para o exército independentista. Desse episódio há uma figura que sobressai acima de todas as outras, tanto no campo político quanto no militar: a figura de Simón Bolívar, erguida como um dos estandartes da independência peruana no discurso oficial do país.

A atuação de Bolívar não esteve restrita ao território peruano. Desde o início da atual década e nos próximos anos, têm sido e serão comemorados outros bicentenários de eventos históricos referentes aos processos independentistas em distintos países da América do Sul, entre os quais se destacam: a entrada triunfal do exército libertário em Caracas (1813), a instituição do Congresso de Angostura na Venezuela (1815), a escrita e publicação da famosa Carta de Jamaica (1815), a vitória do exército patriota na Batalha de Boyaca na Colômbia, a vitória do exército libertário e a sua entrada triunfal em Quito (1822), a entrada triunfal das tropas libertárias no Peru (1823), as batalhas de Junín e Ayacucho no Peru (1824) e a criação da Bolívia como nova nação independente (1825). De todos esses eventos mencionados, e de mais alguns outros que não citamos, há uma única figura que se distingue na historiografia como protagonista, abrangendo em si mesma todo o esplendor do processo independentista: Simón Bolívar.

Há 100 anos, no início do século XX, na comemoração do centenário de independência colombiana e de vários outros dos episódios citados, Bolívar era a personagem principal dos festejos. Ao Libertador eram dados os mais sublimes e simbólicos reconhecimentos pelo seu caráter e seus feitos nas campanhas independentistas. Desde a coroação da estátua do Libertador na Colômbia – “*La Plaza de Bolívar presentaba un aspecto ‘imponente y majestuoso’ el 24 de julio, cuando tras*

una misa campal se colocó la corona de oro del Cuzco en la estatua del Libertador.”¹ (POSADA CARBÓ, 2013, p. 581) – até a construção e inauguração do museu bolivariano no Peru – “*Durante estas celebraciones se crearon dos museos. Primero, el Museo Bolivariano, inaugurado en 1921 [...] La Confederación de Artesanos obsequió un cuadro titulado ‘La muerte de Bolívar’ y también había objetos personales de Simón Bolívar*”² (CASALINO SEN, 2017, p. 50).

Na atualidade, a realidade é muito diversa. A figura de Bolívar, como herói consagrado da independência, vem perdendo o protagonismo nos países da América do Sul, principalmente naqueles da região andina, onde teve, antes, grande aceitação e notoriedade. O advento de novos paradigmas de pensamento que surgem não só das influências estrangeiras, mas também das próprias perspectivas socioculturais periféricas, antes silenciadas ou ignoradas, das nações latino-americanas, têm provocado drásticas modificações no imaginário histórico e social dos povos que aqui habitam.

A literatura, não só como reflexo da realidade, mas como agente de transformação social e histórica, evidencia, nas últimas décadas, a ressignificação do passado e a reestruturação do imaginário latino-americano em relação à figura de Bolívar e aos eventos da independência. Nesse novo paradigma, o lugar de protagonismo nas escritas híbridas que revisitam eventos do passado por meio da ficção, principalmente em romances históricos, tem sido outorgado ora a novas personagens – periféricas ou centrais, de extração histórica ou meramente ficcionais – ora às mesmas personagens já consagradas, como Bolívar, consideradas, porém, desde uma perspectiva crítica e desconstrucionista.

Esse trajeto na literatura híbrida de história e ficção é metodicamente descrito por teóricos do gênero romance histórico como Fleck (2017), que organiza o desenvolvimento desse tipo de produção artística em diversas modalidades, entre as quais encontramos, na contemporaneidade: o romance histórico tradicional, que se alinha aos pressupostos da história oficial; o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica, que questionam, reprovam ou ressignificam o discurso

¹ “A praça de Bolívar tinha um aspecto ‘imponente e majestoso’ o dia 24 de julho, quando, após a missa campal, colocou-se a coroa de ouro do Cuzco na estátua do Libertador.” (Essa e todas as traduções presentes no texto são nossas).

² “Durante essas comemorações foram fundados dois museus. Primeiro, o Museu Bolivariano, inaugurado em 1912 [...] A Confederação de Artesãos doou um quadro titulado “A morte de Bolívar’ e também havia objetos pessoais de Simón Bolívar.”

historiográfico; e a mais recente modalidade do gênero, o romance histórico contemporâneo de mediação, o qual combina aspectos das modalidades anteriores para estabelecer um discurso crítico ao discurso oficial sem precisar desconstruir hostilmente, em sentido figurado, os seus ditames.

Em torno à figura de Bolívar, o acervo de produções de literatura híbrida de história e ficção é amplo e abarca todas as modalidades anteriormente descritas. Assim, podemos encontrar tanto obras que idealizam a sua figura de “supremo Libertador e forjador” das nações livres da América do Sul – como *Las lanzas coloradas* (1930), do venezuelano Arturo Uslar Pietri, *Cérebro e Coração de Bolívar* (1930), do brasileiro Sylvio Julio, ou *En busca de Bolívar* (2010), do colombiano Willian Ospina –, como obras que humanizam e desmitificam a sua figura em distintos níveis – como *La ceniza del Libertador* (1987) e *El general en su Laberinto* (1989) – até obras que a desconstroem e carnalizam severamente – como *La carroza de Bolívar* (2012) ou *La visita de Bolívar* (2018).

Como visto, embora ainda persistam algumas ocorrências de romances históricos tradicionais, que exaltam a figura do Libertador tal e como foi exposta no discurso historiográfico oficializado dos países da nossa parte do continente (principalmente de Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Peru), a tendência desde o período da nova narrativa latino-americana, conhecido como o *boom* da literatura nas décadas de 1960 e 1970, é o questionamento a esse discurso hegemônico. Assim o apontam Ricardo Oviedo, em sua obra *Simón Bolívar como personaje literário en la novela y otras ficciones colombianas* (2015), e Juan Galvez, em sua obra *La figura histórica de Simón Bolívar en la literatura colombiana* (2018). Ambos estudiosos apontam para a transformação das perspectivas pelas quais o passado é revisitado e relido pela ficção na literatura colombiana, o que produz uma ressignificação da figura de Bolívar, a qual é retirada do pedestal da consagração para ser humanizada, desmistificada e/ou carnalizada.

Nas últimas décadas se intensificou o uso da ficção como meio de explorar e buscar “entre las ruinas de una historia desmantelada al individuo perdido por detrás de los acontecimientos”³ (AÍNSA, 1991, p. 85), e, ainda, como ferramenta de descolonização, pois, como destaca Fleck (2017, p. 127),

³ “entre as ruínas de uma história desmantelada o indivíduo por trás dos acontecimentos.”

[a]o reinventar o passado – incorporando ao tecido narrativo muitas das escritas oficiais pela intertextualidade e pela paródia, dando um tratamento carnavalizado à configuração dos heróis instituídos pelo discurso historiográfico –, o romance histórico, em suas vertentes críticas, reterritorializa esse espaço com perspectivas pluralizadas dos fatos passados.

Essa tendência por uma produção crítica, questionadora e, por vezes, denunciadora no gênero romance histórico ao redor da figura de Bolívar não se restringe ao contexto intelectual da Colômbia, como denotaremos a seguir. A onda desconstrucionista ao redor do grande herói da independência se estende pelos territórios cuja ferida colonial, como aponta Walter Mignolo (2007), ainda permanece aberta.

Assim, no presente estudo, abordamos uma dessas obras que estabelecem a releitura da figura e dos feitos de Bolívar: *La visita de Bolívar* (2018), do peruano Herbert Morote. Buscamos, por meio da análise estética da obra, verificar os processos de desconstrução da figura histórica, dando ênfase às estratégias escriturais utilizadas em tal construção discursiva dentro da tessitura narrativa. Visamos, ademais, evidenciar a intenção crítica da ficção a respeito da história oficial, apontando principalmente para o paradigma da colonialidade, ao qual Simón Bolívar, embora ilustre independentista, permaneceu estreitamente vinculado.

1 Ressignificação histórica: do discurso científico ao artístico

Herbert Morote, escritor, ensaísta e dramaturgo peruano, publica em 2018 o seu primeiro romance histórico: *La visita de Bolívar*. Antes de nos adentrar na leitura e análise da obra, objetivo central deste texto, faz-se necessário compreender o processo e as condições pelas quais ela surgiu, já que essas informações nos ajudarão a compreender melhor as dimensões do discurso inserido na diegese e o potencial crítico que carrega.

Primeiro, há de se dizer que dito romance histórico é, na verdade, uma adaptação da peça de teatro com o mesmo título, lançada em 2018 em Lima, Peru. Herbert Morote, na atualidade, conta com outras três peças teatrais no seu repertório de criações

artísticas – *Los ayacuchos* (1991), *El guia del Hermitage* (2003) e *Olivia e Eugenio* (2009) – e uma considerável quantidade de ensaios e artigos que, na sua maioria, tratam de aspectos históricos relacionados ao Peru. No ano passado, no dia 26 de abril de 2018, realiza-se a estreia da sua última peça teatral, *La visita de Bolívar*, no teatro Federico García Lorca, de Lima.

A obra, como veremos mais adiante na sua versão em prosa, constitui-se como um ousado projeto crítico em relação à figura de Bolívar, focalizando nas cenas e nos diálogos os aspectos mais controversos e polêmicos da vida do Libertador. Tal potencial crítico tem dado bons frutos, a recepção da obra na sociedade limenha, segundo as capas dos jornais que podem ser acessados no site do próprio autor⁴, é satisfatória, alcançando, ainda, certa repercussão internacional. A acessibilidade ao material da peça – cujos vídeos oficiais da encenação estão expostos gratuitamente no site do autor –, para estudo e leitura, foi ampliada com a publicação da sua adaptação num romance, o qual foi disponibilizado gratuitamente pelo próprio autor via online. Em poucas palavras, vê-se a intenção de que a obra seja acessível para o público em geral.

Ainda, existe mais um fator que nos interessa na produção de *La visita de Bolívar*. No ano de 2007, Herbert Morote publica um longo ensaio de cunho histórico-político intitulado *Bolívar, Libertador y Enemigo N° 1 del Perú*. A obra, em suas mais de 200 páginas, aborda a vida e os feitos de Bolívar durante sua estadia no Peru, descrevendo e denunciando, com pretendido rigor histórico, as injustiças e os desacertos por ele cometidos, ações que o transformariam, como o título do ensaio indica, no Libertador e Inimigo número um do Peru.

No círculo acadêmico, no qual Morote conta com certa reputação, a obra é bem recebida, tendo até o dia de hoje cinco edições publicadas. No entanto, o potencial desconstrucionista da obra, ancorado no discurso meramente científico, lhe impede, de certa maneira, alcançar aos setores sociais menos vinculados às esferas acadêmicas oficiais, pouco acostumados à leitura de ensaios de cunho histórico-político. Assim, decorrente desse processo de produção e recepção, Morote produz a peça de teatro e a adaptação no romance – que, segundo o autor menciona em entrevistas e na própria obra, baseia-se no seu ensaio de 2007 sobre Bolívar –, produções artísticas que alcançam, como apontamos, repercussão internacional.

⁴ <https://www.herbertmorote.com/home.asp>

De tal forma podemos observar o trânsito do discurso crítico e desconstrucionista desde o âmbito científico e oficial, construído no ensaio de Morote, até a esfera artística e ficcional, produzido na sua peça teatral e no seu romance. Nesse trânsito, consideramos a existência de uma cumplicidade entre ambas as esferas discursivas. No entanto, é de destacar que, embora o discurso ficcional plasmado no romance que analisaremos se sustente em bases históricas ditas oficializadas, o potencial criativo e crítico de tal ferramenta artística extrapola os alcances da historiografia, podendo esta criação romanesca parodiar, carnavalizar, intertextualizar, heteroglossar, pluriperspectivar, dialogizar em prol de uma releitura que vise à descolonização.

Compartimos, assim, o postulado por Milton (1992, p. 182-183):

O romance histórico não compete com a história na apreensão dos acontecimentos. Ao contrário, solidariza-se com ela ao empreender a busca de uma mesma matéria – o passado remoto ou próximo; utilizar-se de um instrumental comum – a linguagem; valer-se igualmente da imaginação e da reflexão para a produção de resultados. [...] O romance, portanto, não invade as dependências alheias. Antes, apresenta-se muitas vezes como um especial colaborador que, ao conferir dimensão simbólica à história, enseja novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações. Por outro lado, ele também vai de encontro às inquietudes e indagações, recobrando as excelências do passado e projetando dali os seus sentidos.

Passamos, a seguir, à leitura e análise do romance de Hebert Morote, *La visita de Bolívar* (2018).

2 *La visita de Bolívar* (2018), o Libertador desde a perspectiva crítica do romance histórico peruano

Como comentamos anteriormente, o romance que abordamos no presente estudo é a adaptação ao gênero romanesco de uma peça teatral com o mesmo título. O romance histórico e a peça, lançados quase simultaneamente, não diferem muito como texto; os diálogos e as ações da peça são mantidos no romance, sempre que possível. Temos de destacar, no entanto, que existem notáveis diferenças de um gênero para outro, dada a

sua natureza artística composicional. O romance nos permite adentrarmos na psique das personagens, com as detalhadas impressões do narrador heterodiegético; enquanto a peça de teatro conta com a expressividade e performance dos artistas-personagens, denotando o tom das vozes, os movimentos e, ainda, os silêncios. Estas e tantas outras divergências podem ser destacadas numa análise mais aprofundada sobre ambas as obras, não obstante, não é o nosso intuito realizar tal labor investigativo, pelo qual centrar-nos-emos no romance histórico, focalizando as estratégias narrativas próprias da escrita híbrida de história e ficção.

O enredo da obra inicia em casa de Bernardo Monteagudo – personagem de extração histórica –, assessor de Bolívar no Peru. É o dia 25 de janeiro de 1825, numa sexta-feira à noite, como se explicita desde o início do romance. A cidade de Lima, onde se desenvolvem os acontecimentos narrados, permanece num estado espectral e sombrio, “*quedó atrás esa Lima parrandera, vivaracha y frívola donde tanto señores como criados se divertían sin decoro y com vehemencia.*”⁵ (MOROTE, 2018, p. 9). Tal situação é decorrente da chegada das tropas bolivarianas que, após a *Batalla de Ayacucho* “*están acantonadas en Lima y se creen dueños del Perú*”⁶ (p. 9).

Monteagudo espera a visita de uma dama para passar uma aprazível noite com pretensões amorosas, para tanto, o seu mordomo Lucero – personagem meramente ficcional –, antigo escravo negro que agora conta com uma suposta liberdade perante a lei, ajuda-lhe nos preparativos: champanhe, livros de poesia etc. O visitante que irrompe de imprevisto na sua casa, no entanto, é nada menos do que Bolívar, figura de máxima autoridade no contexto político e militar de então. A surpresa causada a Monteagudo e ao seu mordomo é singular, pois, além do evidente sobressalto da visita do homem que poderia em qualquer momento e por qualquer motivo “mandar fuzilar” (p. 56) a ambos, existia mais um agravante: a mulher que o assessor esperava era Manuelita Sáenz, “*la amante oficial del Libertador*”⁷ (p. 22). A chegada de Bolívar, estrepitosa e violenta, em sentido figurado, é bem manejada por Monteagudo, o qual convida o General a ficar na sua casa para jantar e conversar o resto da noite. A conversa entre as duas personagens,

⁵ “ficou atrás essa Lima festiva, jocosa e frívola onde tanto senhores como criados se divertiam sem decoro nem veemência.”

⁶ “estão acantonados em Lima e creem ser donos do Peru.”

⁷ “a amante oficial do Libertador.”

com pequenas intromissões de Lucero, estende-se, oportunizando, nos diálogos ficcionais, espaços para a criticidade histórica.

Nozad Heshmat Kasem (2018), num dos poucos estudos desenvolvidos ao redor do romance de Morote, aponta para umas das possíveis interpretações do título da obra. Para a professora, o título não só explicita a visita de Bolívar a Monteagudo no romance, mas também “*puede ser un símbolo de la visita de Bolívar a Perú. Las dos visitas terminan trágicamente.*”⁸ (HESHMAT KASEM, 2018, s.p.). Nessa linha de pensamento, plantea-se uma possível alegoria do contexto social, político e militar do Peru no singular ato da visita de Bolívar a Monteagudo. Ao seguir esse raciocínio, podemos compreender a disposição temporal e espacial das ações no romance como uma estratégia narrativa para plasmar, na ficção, o conflito social que se vivia então: uma noite escura e sombria de Lima, como todas as noites desde que o exército libertador chegara à cidade; ruas abandonadas por famílias “*que abandonaron el país o se escondieron en sus haciendas*” ou que, “*por temor a los asaltos ni siquiera [...] va a velorios.*”⁹ (MOROTE, 2018, p. 9).

A chegada do General, violenta e estrepitosa, é bem descrita pelo narrador, o qual dá ênfase ao fato de Bolívar buscar, desde o primeiro momento, tomar posse do lugar e da situação, exercendo “*un juego de poder [...] para establecer relaciones de dominio.*”¹⁰ (HESHMAT KASEM, 2018, s.p). Vejamos:

El Libertador da unos pasos en la sala y sin mirar a Monteagudo lanza una mirada rápida al entorno.

–¡Qué bonito departamento! –exclama, y sin más se quita el sombrero e intenta dárselo a Monteagudo que se ha puesto de pie.

*No es la primera vez que Monteagudo ve a Bolívar tener gestos como este. Desde que aparece, el Libertador siempre hace o dice algo para mostrar su superioridad, su rango.*¹¹ (MOROTE, 2018, p. 15).

⁸ “pode ser um símbolo da visita de Bolívar a Peru. As duas visitas terminam tragicamente.”

⁹ “que abandonaram o país ou se esconderam nas suas fazendas ou que, por medo aos furtos, nem sequer [...] vão aos velórios.”

¹⁰ “um jogo de poder [...] para estabelecer relações de domínio.”

¹¹ “O Libertador dá uns passos na sala e sem olhar a Monteagudo lança um rápido olhar ao redor. – Que bonito apartamento! – exclamou, e sem mais tirou seu chapéu e tentou entregá-lo a Monteagudo que já estava em pé. Não é a primeira vez que Monteagudo vê a Bolívar ter comportamentos como esse. Desde que apareceu, o Libertador sempre faz o diz algo para mostrar a sua superioridade, sua hierarquia.”

Após o momento inicial de tensão, como dito, Monteagudo consegue manobrar a situação. Bolívar, que já demonstrava intenções de discutir certos temas de relevância com seu assessor, mas que aparentava querer ir embora ao perceber que este esperava a visita de uma mulher, decide ficar. A conversação entre ambos, não obstante, estará marcada do princípio ao fim por uma desconfiança mútua, um duelo de interlocutores que medem suas palavras, gestos e silêncios para não desvelar suas cartas. As personagens, no entanto, terão, nesse embate discursivo, um posicionamento claro, isto é, serão dispostas ficcionalmente em papéis determinados: Bolívar como a figura agressiva e assaltante que procura motivos para desconfiar da lealdade absoluta do assessor, sua presa – “*se me está escapando la presa, piensa Bolívar, por ahí no es el camino. Hay que cambiar la dirección*”¹² (p. 25) –; e Monteagudo como o cauteloso e audaz opositor dos ideais mais absurdos do General – “*lo mejor es no caer en su juego, no debo perder las casillas, piensa Monteagudo*”¹³ (p. 26).

A diegese construída por Morote é tradicional e simples enquanto a estrutura e composição escritural, isto é, as ações se desenvolvem em forma linear, num só espaço temporal e físico, e são narradas numa linguagem coloquial, de fácil compreensão. A carga discursiva, contudo, é ampla e transita por diversos campos históricos, culturais e sociais em relação à figura de Bolívar e aos seus feitos no Peru.

2.1 Bolívar e o poder: ambição e manipulação

Uma das questões particulares que são destacadas nos diálogos ficcionais entre Monteagudo e Bolívar, e nas intromissões recorrentes de Lucero, é o caráter ditatorial do Libertador, sua arrogância e despotismo em relação ao controle político, militar e social do Peru. A diegese ficcional arquitetada por Morote enfatiza os feitos que fizeram de Bolívar o “inimigo número um” dos peruanos, tal e como o estudioso anunciava no seu ensaio de cunho histórico publicado em 2007.

O método de desconstrução do idealismo fundamentado ao redor da figura de Bolívar se fundamenta na ressignificação da história por meio da ficção. O romance transita entre a explanação de episódios do passado, bem descritos pela historiografia, a configuração de novas perspectivas de tais eventos e, ainda, a criação de novas ações,

¹² “a presa está fugindo, pensa Bolívar, esse não é o caminho. Tenho de mudar o rumo.”

¹³ “melhor é não cair no seu jogo, não devo perder o decoro, pensa Monteagudo.”

próprias do universo imaginário. Esse hibridismo, equilibrado na tessitura romanesca, intensifica a criticidade a respeito do discurso histórico sobre Bolívar e possibilita a abolição da crença numa verdade única e absoluta na reconstrução do passado.

No romance, naquela noite de 1825, põem-se em jogo as ações mais questionadas de Bolívar, do ponto de vista político e moral, e se levantam fortes críticas a elas por meio da voz da personagem Monteagudo – que é configurada como ferrenha defensora dos ideais da nação peruana –, da voz enunciativa do narrador – que levanta questionamentos, descreve situações e propõe interpretações bastante críticas a respeito das decisões de Bolívar –, e, ainda, de Lucero, personagem que, apesar de não ter a liberdade nem a autoridade no contexto ficcional de pronunciar-se a respeito do que está sendo discutido, encontra maneiras de mostrar sua desaprovação ao General.

Do discutido dentro da diegese, podemos destacar os seguintes assuntos: os acordos de Bolívar com as metrópoles colonizadoras, que evidenciam as ligações com o passado colonial; a instauração da presidência vitalícia pretendida por Bolívar em toda América do Sul, que denota a instauração do colonialismo interno, nos termos de Mignolo (2007); e a manipulação da história, que mostra os processos de dominação ideológica aos que fomos submetidos.

O primeiro tópico, o “entreguismo”, ou a intenção de manter “boas relações” com as metrópoles colonizadoras, estratégia política adotada por Bolívar durante a pós-independência no Peru, é tema de debate recorrente no país, segundo explana Morote (2007) no seu ensaio. As dimensões de tais atividades, nas quais foram entregues terras, minas para exploração e, ainda, salvo-condutos para o livre trânsito e comércio a cidadãos e companhias europeias – principalmente inglesas, francesas e espanholas –, não têm sido delimitadas pela historiografia.

Tal debate é avivado dentro da ficção. Monteagudo questiona os “favores” concedidos por Bolívar a ingleses e espanhóis dentro do Peru, enquanto indígenas, negros e mestiços das classes mais baixas continuam submetidos a condições precárias de vida. Bolívar defende seus posicionamentos, alegando as intenções de manter a paz nos territórios agora livres e independentes. Vejamos:

[...] a mí me agradecen que les haya garantizado sus propiedades después de la batalla de Ayacucho.

– *Esa generosidad con el enemigo, Excelencia, no es apreciada por los peruanos, porque se sienten traicionados al recordar que la riqueza de los españoles se debe a la explotación que hicieron del Perú.*

– *Pamplinas, Monteagudo, los que me critican no tienen una amplitud de espíritu que les permita vislumbrar un mundo en paz. Yo que he liberado estos países deseo ahora mantener buenas relaciones con las potencias mundiales, por ejemplo Inglaterra.*

– *¿A costa de entregarles las minas?*

*El Libertador frunce el ceño.*¹⁴ (MOROTE, 2018, p. 45).

A explanação crítica se fortalece no pano ficcional devido à informalidade do diálogo entre Monteagudo e Bolívar. Isto é, a sinceridade com a qual Bolívar discursa, não tendo, nesse contexto, que esconder nada nem fingir falsa diplomacia, provoca o efeito buscado pela ficção de Morote: instaurar novas verdades. O Bolívar configurado na ficção não nega nem tenta reduzir o impacto dos seus atos em favor das metrópoles, mas os confirma e justifica. O leitor, assim, encontra-se diante do desvelamento discursivo do General, processo que só pode ser plasmado nas linhas de uma ficção, lugar em que a personagem histórica pode ser reconfigurada, recriada e, como no caso presente, desmascarada.

A manutenção dos sistemas autoritários de governo, da exploração dos territórios e dos povos, da organização social desigual e, ainda, da dependência às metrópoles, estratégias adotadas por Bolívar durante o seu mandato, são temáticas trazidas à tona na tessitura narrativa. As ligações com o passado colonial e a preservação dessa matriz de subjugação são projetadas na figura do Libertador por meio da criação ficcional, que se vale de artifícios narrativos para configurar a crítica ao governo do General.

Nos primeiros momentos da visita de Bolívar a Monteagudo, uma situação é discutida: estão sendo difundidos versos de repulsa e reclamações contra a estadia de Bolívar em Lima. Tal situação incomoda ao General, que interroga a seu assessor para descobrir quem é que escreve e difunde tais versos. As décimas, pequenos versos com

¹⁴ “[...] me agradecem ter garantido suas propriedades depois da batalha de Ayacucho. – Essa generosidade com o inimigo, sua Excelência, não é apreciada pelos peruanos, pois se sentem traídos ao lembrar que as riquezas dos espanhóis foram feitas a partir da exploração do Peru. – Bobagens, Monteagudo, os que me criticam não têm uma amplitude de espírito para vislumbrar um mundo em paz. Eu, que libertei estes países, desejo agora manter boas relações com as potências mundiais, por exemplo com Inglaterra. – À custa de entregar a eles as minas? – O Libertador franze a testa.”

rima, chamadas de *letrillas* no romance, satirizam Bolívar, ridiculizando a sua figura na clandestinidade. Nessas composições, lidas por Monteagudo sob o mandato do General, articula-se um dos fundamentos críticos mais desafiantes à figura de Bolívar. Vejamos:

Con voz firme Monteagudo recita:

*‘Cuando de España las trabas / en Ayacucho rompimos, / otra cosa no hicimos / que cambiar mocos por babas / Nuestras provincias, esclavas quedaron de otra nación. / Mudamos de condición, / pero sólo fue pasando / del poder de don Fernando / al poder de don Simón.’*¹⁵ (MOROTE, 2018, p. 28-29).

Por meio das décimas — *letrillas* no romance —, as quais não tem uma voz enunciadora definida dentro do romance, pois são anônimas, apresenta-se o julgamento aos modelos de governo de Bolívar, que reproduzem as práticas coloniais da coroa espanhola, representada na figura de Don Fernando. A comicidade, construída por meio da sátira e da ironia, estabelece um paralelismo entre os poderes que se enfrentaram nas guerras independentistas, os quais, cada um sob uma bandeira ideológica aparentemente distinta, impõem sistemas de opressão e subjugação às camadas menos favorecidas da sociedade.

Expõe-se, desse modo, na ficção, o processo pelo qual a dependência das nações americanas às metrópoles não desaparece com a independência, mas se reestrutura; episódio histórico ao qual Mignolo (2007, p. 92) se refere quando afirma que “*la matriz colonial de poder cambió de manos, pero siguió en pie*”¹⁶.

O segundo assunto é, sem dúvida, um dos mais recorrentes nos levantamentos críticos feitos a Bolívar na historiografia, na literatura, na ciência política e noutras áreas: o caráter ditatorial do Libertador. Dos decretos e das ações que apontam para tal perfil de Bolívar, bastante exploradas por Morote no seu ensaio *Bolívar, Libertador y Enemigo N° 1 del Perú* (2007), o peruano traz, na sua obra ficcional, o que seria o cerne da problemática, a intenção de Bolívar de ser proclamado “Presidente Vitalício” do

¹⁵ “Com voz firme Monteagudo declama: ‘Quando de Espanha os entraves/ em Ayacucho rompemos, / outra coisa não fizemos / que trocar meleca por baba. / Nossas províncias, escravas ficaram de outra nação. / Mudamos de condição, / mas foi apenas passando / do poder de D. Fernando / ao poder de D. Simón.’”

¹⁶ “a matriz do poder colonial de poder mudou de mãos, mas seguiu em pé.”

Peru, assim como da Colômbia, da Venezuela, do Equador e da nova nação, Bolívia¹⁷, que conformariam, na sua visão, a Confederação Andina, buscando a união final de todas as nações sul-americanas.

O ideal de uma união das nações no continente, que fizera frente às metrópoles europeias e ao então em formação ideal imperialista estadunidense, é exposto na ficção de Morote como uma fachada que mascarava a verdadeira intenção de Bolívar, proclamar-se monarca dos territórios independentes, instituindo espécies de repúblicas-monárquicas das quais ele seria a maior autoridade, tendo, ainda, o direito de escolher seu sucessor:

*– Un presidente que se elige por un período no es un rey. Pero un presidente para toda la vida, es decir un presidente vitalicio es igual a un rey, y más en el caso de su Constitución Bolivariana donde el presidente vitalicio tiene el derecho a nombrar su sucesor. Es decir, que si se aprueba su constitución usted sería el primero de una dinastía. ¿Y qué diferencia tendría esa dinastía bolivariana de una dinastía monárquica?*¹⁸ (MOROTE, 2018, p. 54).

A liberdade discursiva que outorga a ficção permite o estabelecimento de asseverações críticas na diegese por meio do discurso direto, na voz enunciativa da personagem Monteagudo. A linguagem de fácil compreensão e o tom explicativo, que imprime um caráter pedagógico a esse e a outros fragmentos dentro do romance, possibilitam que o efeito desconstrucionista se institua, arquetizando um discurso que é apresentado ao leitor como afirmações históricas verídicas, embora não seja essa a sua natureza.

Tal efeito é reforçado, como visto anteriormente, com as respostas de Bolívar, que, novamente, não só confirma os seus feitos, mas tenta justificá-los:

¹⁷ Por extensão do presente texto não discorremos sobre a questão problemática da criação da Bolívia a partir do plano arquitetado por Bolívar, assunto relevante dentro da obra de Morote. A pesquisadora Nozad Heshmat Kasem (2018) trata da temática apontando aspectos importantes como “a mutilação do Alto Peru” e a significação do território. Recomendamos a sua leitura.

¹⁸ Tradução nossa: “– Um presidente que se elege por um período não é um rei. Mas um presidente para toda a vida, isto é, um presidente vitalício é igual a um rei, e mais ainda no caso da sua Constituição Bolivariana, na qual o presidente vitalício tem o direito a nomear seu sucessor. Ou seja, aprovada a sua Constituição o senhor será o primeiro de uma dinastia. E o que teria de diferente essa dinastia bolivariana com uma dinastia monárquica?”

*Creo que nunca ha comprendido que estos países necesitan un hombre fuerte que los dirija por la senda del progreso. Ni el Perú ni ningún país de América está en condiciones de pasar de la Colonia a una democracia. Yo seré la mano firme que los guíe en el futuro.*¹⁹ (MOROTE, 2018, p. 54).

Configura-se um Bolívar prepotente, que justifica suas pretensões ditatoriais na certeza de não existir um líder apto para liderar as nações independentes, e que expõe seu caráter autoritário, “*mano firme*”, como ferramenta para direcioná-las ao futuro. Essa aptidão, que professa a personagem Bolívar, é bem descrita no romance, na própria voz do General: “*en ese Congreso se quedarán maravillados de mi pensamiento libertador y humanista*”²⁰ (p. 33). “*Mi lógico razonamiento es a prueba de balas*”²¹ (p. 71).

O caráter egocêntrico e vanglorioso de Bolívar na ficção, arquitetado por meio do uso da linguagem e da construção de cada ação do enredo, beira o exagero. De tal forma, diante de uma figura tão exorbitantemente pretensiosa e soberba, as construções irônicas e satíricas em relação a Bolívar são ainda mais eficazes. Por meio de Monteagudo e Lucero são efetivados esses artifícios da linguagem em contestação à figura do Libertador. Vejamos um exemplo desse processo num fragmento da conversação entre Monteagudo e Bolívar:

– *Claro, eso es lo que creo, Excelencia. Ningún mortal puede rivalizar con usted. Usted tiene todo lo que una mujer desea ver en un hombre: gloria, fortuna, fama, poder.*

– *Eso es verdad, Monteagudo, pero no se olvide también que, modestia aparte, soy apuesto, viril y fogoso.*

*Esta petulante respuesta alivia la tensión creada por mi idiota provocación, piensa Monteagudo, y prometiéndose ser más cuidadoso con sus palabras, comenta: –Eso es verdad, Excelencia, no hay nadie que pueda competir con usted, menos un miserable como yo.*²² (MOROTE, 2018, p. 39).

¹⁹ “Acho que você nunca compreendeu que esses países precisam de um homem forte que os oriente pela senda do progresso. Nem o Peru nem nenhum país de América está em condições de passar da Colônia a uma democracia. Eu serei a mão firme que os guie no futuro.”

²⁰ “Nesse congresso, ficarão maravilhados com o meu pensamento libertador e humanista.”

²¹ “Meu lógico raciocínio é a prova de balas.”

²² “Claro, isso é o que eu acho, Excelência. Nenhum mortal pode rivalizar com o senhor. O senhor tem tudo o que uma mulher deseja ver num homem: glória, fortuna, fama e poder. – Isso é verdade, Monteagudo, mas não esqueça também que, modéstia à parte, sou belo, viril e ardente. Essa petulante

Monteagudo utiliza um dos mais básicos princípios da retórica para manipular o egocêntrico Bolívar, o falso elogio. Ante tal estratégia de manipulação, na qual se exalta a figura do rival para que este, na crença de ser superior, baixe as suas defesas, Bolívar cai facilmente. Assim, o General confirma, na ficção, sua maleabilidade emocional e de caráter, cujo fruto seria a insensatez e ruindade de suas ações. Além disso, o comentário de Monteagudo encontra-se carregado de uma mordaz ironia, dado que ele, na diegese ficcional, é o amante de Manuelita Saénz, a “amante oficial” de Bolívar. O general é manipulado e burlado por meio da criação ficcional, desmistificando e rebaixando a sua figura.

2.3 Bolívar e a historiografia

O terceiro aspecto é a manipulação da história. Walter Benjamin (1987, p. 226), na sua sexta tese sobre o conceito de história, lança um interessante olhar sobre o processo de escrita historiográfica: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”. No contexto latino-americano, onde a colonialidade persiste nos modelos sociais, políticos e econômicos, como inimigo número um, o labor da releitura e reescrita dos eventos do passado tem sido ocupado, em parte, pelo olhar artístico dos literatos, os quais, por meio da criação de obras híbridas de história e ficção, têm promovido a ressignificação desse nosso passado por meio do pluriperspectivismo e das visões periféricas da história.

Morote, em *La visita de Bolívar* (2018), discorre por meio da ficção sobre a questão histórica ao redor da figura de Bolívar, frisando a manipulação que os eventos do passado sofreram no discurso oficializado de grande parte dos historiadores, os quais, aliados às elites dominantes, ergueram a imagem do General como Herói e Libertador do Peru. Por meio das vozes das personagens, arquiteta-se a perspectiva crítica:

resposta alivia a tensão criada pela minha idiota provocação, pensa Monteagudo, e prometendo ser mais cuidadoso com as suas palavras, comenta: – Isso é verdade, Excelência, não há ninguém que possa concorrer com o senhor, menos ainda um miserável como eu.”

– *Creo que tiene usted razón, no faltarán historiadores honestos que resalten mis virtudes a fin de que sirvan de modelo a futuros gobernantes. ¿No lo cree así, Monteagudo?*

– *Sin duda lo elogiarán mucho aquellos historiadores que deseen complacer a las autoridades. Le aseguro que esos historiadores serán la mayoría, sino todos. [...] No se necesita ser adivino para afirmar que los historiadores escriben lo que los gobiernos quieren.*²³ (MOROTE, 2018, p. 46-47).

A ficção, por meio do discurso direto, deslegitima a história, desvelando a falsa crença na total veracidade do discurso científico redigido ao redor da figura de Bolívar. O efeito crítico é reforçado por meio da criação ficcional, na qual se projeta a imagem de um Bolívar que, embora consciente da índole dos seus atos contra o Peru, possui plena confiança de que, no futuro, sua imagem será elevada ao nível heroico:

– *Excelencia, creo que los peruanos nunca le perdonarían que usted mutile su país. [...]*

– *Qué poco conoce a los peruanos, amigo mío, ellos me harán monumentos, pondrán mi nombre a sus mejores plazas, calles y avenidas. Convertirán mis residencias en museos.*²⁴ (MOROTE, 2018, p. 18).

Bolívar augura seu futuro de reconhecimento e exaltação nos países latino-americanos, nos quais, até os dias atuais, podemos encontrar, efetivamente, monumentos, praças, ruas e museus que enaltecem e rememoram a sua figura, ainda em lugares em que o seu mandato levou destruição, morte e miséria. Ao valer-se da própria voz da personagem Bolívar, o romance intensifica o efeito estético pretendido, a desconstrução da figura heroica do Libertador no Peru, evidenciando seu perfil racista, corrupto, autoritário, egocêntrico e manipulador.

²³ “- Creio que você tem a razão, não faltarão historiadores honestos que destaquem as minhas virtudes a fim de que sirvam de modelo para futuros governadores. Não acha, Monteagudo? – Sem dúvida, aqueles que desejem agradar às autoridades irão elogiar muito você. Estou certo que esses historiadores serão a maioria, se não todos. [...] Não é preciso ser adivinho para afirmar que os historiadores escrevem o que os governadores desejam.”

²⁴ “Excelência, eu creio que os peruanos nunca irão perdoar que o senhor mutile o país. [...]. – Que pouco conhece você os peruanos, meu amigo, eles farão monumentos para mim, colocarão meu nome nas melhores praças, ruas e avenidas. Transformarão minhas residências em museus.”

Em consonância com a linha de pensamento de Benjamin (1987) quando aponta que os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer, Bolívar, no romance de Morote, personifica a figura do inimigo vencedor, que escreve a história dos vencedores, e oculta, distorce ou apaga aquela dos milhares de latino-americanos que morreram na subjugação da pós-independência. Tal personificação não é dada a Bolívar pelo narrador nem pelas outras personagens da diegese, mas se configura na sua própria voz no enredo:

*¿No le he dicho que la historia la escriben los vencedores? La historia necesita héroes, y yo soy el héroe máximo de América. Admítalo, Monteagudo.*²⁵ (MOROTE, 2018, p. 74).

Considerações finais

Os processos de releitura e reescrita da história pela ficção na América Latina se fundamentam na necessidade de explorar as visões periféricas e dar voz àqueles que foram silenciados no passado. Tais processos têm tido amplos frutos na produção de romances híbridos críticos, que destoam do discurso oficial e hegemônico da história, desconstruindo figuras que permaneciam idealizadas no imaginário latino-americano – como as dos descobridores, colonizadores ou heróis nacionais –, enaltecendo e dando relevância a figuras não conhecidas ou que foram excluídas dos anais da história – como mulheres, negros e indígenas que participaram ativamente em causas sociais, militares ou políticas do nosso território –, revisitando e ressignificando episódios do passado fundamentais para a formação da nossa identidade híbrida e mestiça.

Ao redor da figura de Simón Bolívar, como agente principal de um dos processos de transformação social, política e histórica da América Latina, o acervo de produções ficcionais híbridas transitou, até os dias de hoje, por distintas veredas. Obras enalecedoras, humanizadoras, questionadoras e desconstrucionistas em distintos níveis foram publicadas em distintas épocas e em distintas regiões do continente, e fora do continente americano. Como expõe Cobo Borda (1989. p. 7), “*al escribir sobre Bolívar*

²⁵ “Não disse a você que a história é escrita pelos vencedores? A história precisa de heróis, e eu sou o máximo herói de América. Admita isso, Monteagudo.”

cada cual, americano o español, proyectaba su Bolívar, poniendo en él lo que ya traía consigo. Simpatías, admiraciones, odios e ideales: su propia vida”²⁶.

A nossa hipótese de leitura aqui apresentada é que, nos últimos anos, têm surgido produções que desconstróem integralmente a figura heroica de Bolívar, isto é, abandonando qualquer tipo de construção de condescendência em relação aos feitos do General. Desse modo, os processos de humanização, desmistificação e desconstrução parcial, observados em obras como *El General en su laberinto* (1989), *La ceniza del libertador* (1987) ou *En busca del Libertador* (2010), se intensificam, afastando-se dos beneplácitos oferecidos à figura de Bolívar.

Entre essas obras, totalmente desconstrucionistas, encontramos *La carroza de Bolívar* (2012) e *La visita de Bolívar* (2018). No presente texto buscamos abordar a segunda dessas obras, escrita pelo peruano Herbert Morote, denotando os processos narrativos e as estratégias escriturais pelos quais se produz o efeito da ressignificação do passado por meio da desmistificação da figura histórica.

Tal revisionismo da história a partir da ficção, observado na obra de Morote, tropeça, por momentos, no maniqueísmo, resumindo uma realidade tão complexa como aquela em que Bolívar e os outros independentistas participaram ativamente a dois polos estáticos: os ditadores e os republicanos. Na obra, é verdade, existe uma pretensão histórica marcada, a de instaurar uma verdade por meio da destituição de outra, antes predominante: Bolívar passa a ser o inimigo número um, após ter sido o Libertador.

Esse processo se efetua por meio de uma estrutura narrativa pouco complexa, abandonando o experimentalismo linguístico e formal, próprio dos romances históricos críticos da época áurea do romance histórico latino-americano, e adotando características dos romances históricos tradicionais, em questão de estrutura e desenvolvimento da diegese. Isso, no entanto, não reduz a carga crítica discursiva, que se impõe em toda a narrativa. Morote (2018) explora as prerrogativas da ficção, sustentando a diegese ficcional nas conversações privadas entre Bolívar e o seu assessor, Monteagudo, procedimento pelo qual a narrativa se adentra na subjetividade da personagem histórica, desvelando os supostos porquês das ações mais polêmicas do Libertador.

²⁶ “ao escrever sobre Bolívar cada um, americano ou espanhol, projetava *seu* Bolívar, pondo nele o que já trazia consigo mesmo. Simpatias, admirações, ódios e ideais: sua própria vida.”

Analisada da perspectiva dos estudos decoloniais, entre os quais destacamos os pressupostos de Mignolo (2007) sobre a ferida colonial na América Latina, a reconfiguração ficcional de Bolívar no imaginário do nosso território, incentivada no romance de Herbert Morote, supõe um caminho para a descolonização ideológica. O romance apresenta a figura do Libertador como o cerne da corrupção, do racismo e do autoritarismo que se implantou nas nações independentes até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**. 240. p. 82-85. México, 1991.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História. Trad. Sergio Paulo Rouanet. In: **Obras Escolhidas**, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CASALINO SEM, C. **Centenario. Las celebraciones de la Independencia 1921-1924**. Lima, Peru: Biblioteca Nacional del Perú, 2017.

COBO BORDA, J.G. Los nuevos Bolívares. **Cuadernos Hispanoamericanos**. Madrid, 1998, p. 7-25.

FLECK, G. F. **O Romance Histórico Contemporâneo de Mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **El General en su laberinto**. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1989.

HESHMAT KASEM, N. **Desmitificación del personaje del Libertador en “La visita de Bolívar” de Herbert Morote**. 2018. Disponível em: [≤https://www.herbertmorote.com/visita-bolivar/critica-nozad-heshmat.pdf](https://www.herbertmorote.com/visita-bolivar/critica-nozad-heshmat.pdf) ≥ Acesso em: 17 jul. 2019

GALVEZ, J. D. **La figura histórica de Simón Bolívar en la literatura colombiana: De la humanización a su desmitificación**. Editorial Académica Española (ONLINE), 2018. Acesso em: 29 jul. 2019.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Trad. Silvia Jawerbaum; Julieta Barba. Barcelona, España: Editorial Gedisa, 2007.

MILTON, H. C. **As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo**. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MOROTE, H. **Bolívar Libertador y enemigo n° 1 del Perú**. Lima, Perú: Editor SRL, 2007.

MOROTE, H. **La visita de Bolívar**. Lima, Perú: Biblioteca Nacional del Perú, 2018.

OVIEDO, R. R. **Simón Bolívar como personaje literario y su transformación a partir de los tejidos de la verosimilitud en la novela y otras ficciones colombianas**. Bogotá: Manuvo, 2015.

POSADA CARBÓ, E. 1910. **La celebración del primer centenario en Colombia**. *Revista de Indias*. 258. p. 579-590. España, 2013.